



4883 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

NA DANÇA DOS CORPOS AS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS SE IDENTIFICAM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
 Vilma Aparecida de Pinho - UFPA - Universidade Federal do Pará
 Sueli de Fatima Xavier Ribeiro - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

NA DANÇA DOS CORPOS AS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS SE IDENTIFICAM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

RESUMO

A pesquisa qualitativa com ênfase na autoetnografia de uma professora de Educação Física analisou a prática pedagógica da dança mediada pela história e a cultura da população negra em Mato Grosso. Foi analisado documentos de registro de 16 anos de práticas: portfólio, plano de ensino, relatórios de projetos e realizadas entrevistas com ex-alunos(as). Neste recorte trazemos os relatos de memória dos entrevistados a fim de analisar como esses espaços e mediações culturais negras impactaram a educação/formação por meio da dança na escola. Da escola às comunidades negras e histórias de mulheres, desvelou-se práticas culturais que potencializaram o reconhecimento das ancestralidades da cultura local negra, os sentidos e significado das práticas corporais e as discussões das relações étnico-raciais nas aulas de Educação Física atendendo as diretrizes curriculares da Lei 10.639/2003. Constatou-se a relevância do conteúdo dança articulada às experiências da cultura afro-mato-grossense para novos sentidos e significados das práticas e representações, criações artísticas, religiosas, políticas e educativas marcadas por movimentos (dos corpos) em processo de resistência para uma vida mais solidária e digna.

Palavras-chave: Dança; Educação do Corpo; Relações Étnico-Raciais; Mato Grosso.

Introdução

A pesquisa teve como metodologia a autoetnografia de uma professora de Educação Física da Escola Municipal Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, situada no bairro Alvorada (antigo Quarta-Feira), em Cuiabá, MT, tendo por eixo temático as relações étnico-raciais. Nesta recorreu-se à análise documental e as entrevistas e um questionário respondido por ex-alunos(as) do período 2000 a 2016, que atualmente são jovens e adultos que voluntariamente se disponibilizaram para falar sobre as experiências com a dança nas aulas e nos Projetos criados pela professora.

Para este artigo, trazemos um recorte da pesquisa nos limitando aos dados de alguns entrevistados em diálogo com parte dos relatos das aulas e projetos interdisciplinares a fim de analisar o potencial da Educação Física na formação de pessoas que rompem com a prática do racismo e se constituem como protagonistas de suas vidas a partir da oportunidade sociocultural vivenciada na escola.

A análise crítica da própria prática pedagógica da professora traz a cultura corporal de movimento marcada por conhecimentos históricos e culturais específicos das comunidades que produzem a dança como conhecimento na e da realidade sociocultural investigada e pedagogizada na escola.

Para tal, a dança como conteúdo da Educação Física, cultura corporal de movimento, traz consigo suas origens culturais e contextos sociais específicos. Com isso, é assumida como conhecimento da realidade constitutiva de identidades e sentidos de pertença. Os estudos das aulas e projetos de dança analisados compreendem esses conhecimentos a partir dos sentidos e significados de suas origens histórico-culturais que auxiliam no estudo e compreensão da dança enquanto manifestação de identidades específicas conforme o grupo étnico que a criou e com a qual se identifica.

Essa vivência contextualizada da dança como expressão das culturas locais indígenas e afro-brasileiras proporcionou um amplo espaço pedagógico para o debate sobre as identidades e o respeito à diversidade étnico-racial. Nas aulas assim como nas narrativas dos entrevistados são evidenciadas as inquietações referentes as relações marcadas pelo racismo enraizado na cultura brasileira que afloram a compreensão de si e as possibilidades de a escola trabalhar essas questões tematizando os contextos socioculturais locais.

As inquietações iniciais deram origem à problemática da pesquisa sobre a prática pedagógica demandadas a partir das percepções da professora acerca de preconceitos e discriminação racial na escola ao perceber no cotidiano os conflitos, processos de rejeição, discriminação de crianças negras que ficam isoladas, muitas vezes sofrendo alusões a uma dita inferioridade racial que atravessavam no entrecruzar dos olhares, das mãos e dos encontros dos corpos em movimento na escola, especialmente nas aulas de Educação Física quando alunos e alunas se põem a brincar, dançar, jogar.

Essa realidade evidenciada pela professora é comum às experiências das autoras que participam de um mesmo processo de formação-ação que marcou de forma crítica a Educação Física na rede municipal de educação de Cuiabá, Mato Grosso,

em 1993. Essa formação construída coletivamente pelos professores visou rever os conteúdos desta disciplina curricular a partir da base crítica e dialética, tendo a coordenação eleita entre pares em assembléia. Um processo de formação crítica e política fundamental que afeta diretamente a professora e a coloca como protagonista no ensino da dança na escola.

Assim, na pesquisa, a formação-ação é identificada como relevante para a sensibilização quanto às relações étnico-raciais no cotidiano escolar trazendo à tona as práticas racistas e preconceituosas sendo essas referências para a implementação de projetos e conteúdos de dança voltados às culturas afro-brasileiras e ameríndias. Assim, novos cursos são acessados pela professora, especialmente os voltados às políticas afirmativas e à implementação da Lei 10.645/03.

Num movimento dialético, das aulas a dança chega ao Projeto “Beleza Tem Raízes”, como ação extracurricular e deste ao evento que passa a ser reconhecido como referência do dia da Consciência Negra em Cuiabá: o EIDANCCE - Encontro Interescolar de Dança e Cultura da Cidade Educadora, criado em 2000, que tematiza a história e cultura local e afro-brasileira.

A dança, como conteúdo da prática pedagógica e nos projetos, é analisada nesta pesquisa a partir das narrativas de ex-alunos e ex-alunas. Estes trazem em suas lembranças, memórias e aprendizagens elementos relevantes para pensarmos o papel da Educação Física na promoção de debates e da formação para outras formas de compreender as relações étnico-raciais a partir da educação do corpo na escola e para além dela.

Assim, neste artigo, a questão orientadora para a análise da prática pedagógica e dos projetos desenvolvidos na interação sociedade-escola tendo a história e a cultura afro-brasileira, é: quais memórias com a dança os alunos e alunas destacam em suas aprendizagens e como pela dança acessaram os conteúdos sobre a população negra e suas raízes culturais, sociais e história na região cuiabana.

Educação Física e Relações Étnico-Raciais: a Educação do Corpo na Escola

Nossa perspectiva de Educação Física compreende o corpo como centralidade do trabalho do professor sendo este lócus da educação na qual se inscrevem as dinâmicas relações humanas que produzem sentidos e significados e se reproduzem no conflito e na resistência. As teorias das relações raciais e a compreensão do racismo como fenômeno estrutural da sociedade brasileira tem lugar na escola que busca contornar estes problemas históricos pautando processos educativos para a educação intercultural, sendo esta uma possibilidade da Educação Física contribuir para escrever outras práticas sociais pela ética e estética que marcam corpos e constituem identidades dos alunos.

As práticas corporais como objeto de estudos e intervenção da Educação Física são compreendidas como:

[...] práticas sociais que associam a tecnologia à estética corporal específica [...] os sentidos e significado da beleza, da alegria, da religiosidade, da moral, de determinado grupo étnico, e [...] possibilitam a construção de um ideal de pessoa. [...] portanto, são manifestações culturais, específicas [...] que por sua vez explicitam a concepção de pessoa em cada sociedade (GRANDO, 2004, p. 60).

Com essa referência, compreende-se que é no corpo e por meio do corpo que a pessoa se constitui e consolida identidades culturais, nele se mobilizam e se consolidam pela incorporação de gestos, movimentos e rituais que caracterizam o sujeito-ser coletivo. É o corpo como a pessoa própria que se revela na dinâmica da vida e emerge como sujeito que existe e se manifesta de uma determinada forma e não de outra.

Neste sentido, o corpo estabelece ligações primordiais com a cultura e que é pelo corpo que se aprende a se relacionar com o Outro e com os objetos e sociedade na qual vivem. Diante disso, deve-se entender a forma que se tem ao utilizar o corpo, seja no aprender, dançar, comer, rezar, brincar, falar.

O corpo carrega consigo um acervo vivo de hábitos, crenças, costumes, o modo de vida da comunidade, em suas lendas visualizam-se seus feitos e suas canções, que trazem as lições de vida e sentidos atribuídos pela transmissão oral e pela linguagem do corpo vivido na prática social. Desse modo, os conhecimentos da dança fundamentam a importância de efetivar ações transformadoras na Educação Física a fim de penetrar no universo das representações de alunos e professores no sentido de descobrir os significados de suas práticas, lutas, resistências vividas coletivamente, assim como reveladoras nas individualidades.

Compreendemos a prática corporal na Educação Física como possibilidade de descobrir maneiras de desvelar preconceitos raciais, religiosos e outros que propagados no imaginário coletivo pelas mídias, imagens e estereótipos levam a alienação e afastamento da cultura que identifica o aluno e a aluna com seu contexto familiar, comunitário e histórico, pois busca compreender a realidade de uma perspectiva crítica do Ser (pessoa-corpo) na interação social e nos processos de formação. Nesta perspectiva, considera-se que a escola possa contrapor ao cruel preconceito que reproduz as hierarquias sociais pela educação do corpo, proliferando a nefasta discriminação nesses ambientes: o racismo ocasionando as sequelas na alma, e do reconhecimento do corpo que se é e a não aceitação da própria cultura e identidade.

Por essas e outras razões compreende-se que as práticas pedagógicas devem se inspirar a criança e o jovem pelos laços que os unem a sua sociedade e cultura. Grandó e Pinho (2016) problematizam o corpo e a cultura no contexto da Educação Física em diálogo com as ciências humanas e sociais a fim de compreenderem o corpo como matriz cultural e histórica que se constitui como pessoa nas relações socioeconômicas, estabelecidas em nível macro da sociedade brasileira e em nível micro nos diferentes grupos indígenas e afro-brasileiros com os quais desenvolveram suas práticas pedagógicas.

Para as autoras, o corpo na escola deve ser compreendido como produção social complexa, pois é tecido nas relações sociais históricas que constitui a sociedade marcada e diferenciada a partir dos marcadores sociais de acesso aos bens materiais e não materiais como a constituição familiar, gênero e orientação sexual, idade, etnia-raça, religião, entre outras dimensões socioculturais que definem as identidades da pessoa (GRANDO; PINHO, 2016).

Tais dimensões identitárias, como já se afirmou, devem ser ampliadas, trazendo possibilidades de a criança negra, por exemplo, conhecer e se reconhecer com elementos das culturas de sua ancestralidade. Conectar-se com as manifestações de referências africanas, por exemplo, que trazem elementos da língua nagô, banto ou ioruba, enfim, que deem o devido valor às danças ritualísticas e às máscaras africanas de 400 anos utilizadas em cerimônias oficiais para proteção. (CASTRO JÚNIOR, 2014).

Ao apropriar-se do território da criança, dos saberes de suas comunidades, experiências como as danças e festas da cidade, esses corpos culturais multifacetados retratam a diversidade brasileira, como afirma o autor, estabelecendo

relações com os diferentes lugares na sociedade ligados com os diversos grupos de pertencimento.

Ao buscar compreender os processos históricos que produziram as práticas corporais no Brasil com esses referenciais da Educação Física, reconhece-se que pelos entrecruzamentos das culturas produzidas no cotidiano e nos momentos ritualizados que os povos ameríndios e os afro-brasileiros garantiram suas lutas, suas resistências e manutenção de suas identidades coletivas mesmo em meio aos conflitos enfrentados com a cultura europeia que impôs uma única religião, única língua, única forma de conceber a família e a educação, pela padronização dos corpos reconhecidos e valorizados como pessoa.

Os corpos em festa, na perspectiva de Castro Junior (2014), trazem o movimento dinâmico da vida partilhada “num ambiente de conflito e consenso, de aliança e rebeldia, singular e plural” no qual os “[...] “saberes subalternos” negros e indígenas se misturam nascendo uma cultura de ginga e manhas dos corpos culturais” (2014, p. 16).

Ao se referir à cultura afro-brasileira Lara (2008) refere-se a esta como forma de gerar novos espaços e paradigmas, sobretudo quando não se limita aos espaços tradicionalmente assumidos nas aulas de Educação Física, as quadras, mas ampliando-se novos tempos-espaços, tornando-se incentivadora, como evidencia-se no ensino da dança:

Pesquisando, sentindo, dançando, festejando, transcendendo, sem fugir a estas experiências, mas possibilitando a interação com elas busco nesse momento perspectivas, ou seja, visualizar o panorama configurando até então analisá-lo, refleti-lo, redimensioná-lo. Contudo, perspectivar não significa apenas retirar-me do cenário configurado e delinear o foco de estudo como percebido, significa ir além, traçar expectativas, direções, proposições (LARA, 2008, p. 125).

Assim, pode-se perceber o corpo na escola e suas manifestações pelas influências multirraciais e multifacetadas, nos seus movimentos e possibilidades corporais que ao dançar traz consigo suas culturas e identidades coletivas enraizadas nas comunidades, mas para além delas, encarnadas no mundo.

Os caminhos da pesquisa

As perspectivas teóricas assumidas neste artigo pautam a nossa compreensão de corpo, cultura e educação na pesquisa e são explicitadas na pesquisa autoetnográfica, conforme Coker (2017), de contornos reflexivos possibilitados pelas narrativas dos alunos (ex-alunos/as). Como pesquisadoras situamo-nos dentro de uma série de autorreflexões, interações e reconhecimentos de emoções, com posições epistemológicas outras a fim de compreender a complexa relação da pesquisa ao desvelar o corpo numa realidade aparentemente conhecida. O desafio metodológico nos possibilitou o estranhamento da prática pedagógica da professora a fim de analisar qualitativamente os dados e contribuir para novas práticas e investigações no campo da Educação Física e das relações étnico-raciais na escola.

Ao focar a própria prática pedagógica em parceria com o grupo de pesquisa, a professora assume a possibilidade de conosco trazer uma reflexão para além de suas experiências ampliando “as narrativas sociais”. (COKER, 2017, p. 86).

Os dados dos ex-alunos(as) referenciados no primeiro nome seguido de idade e período da entrevista, como interlocutores voluntários, dialogou com os dados documentais da prática pedagógica da professora: registros fotográficos feitos durante o desenvolvimento dos trabalhos na e fora da escola entre 2000 e 2016.

Os documentos deste período explicitam as práticas pedagógicas, as pesquisas exploratórias e as visitas a campo com os alunos, as oficinas, exposições, apresentações de danças coreografadas, desenvolvidas nos espaços da escola, nas comunidades locais e nos quilombos de Poconé e Nossa Senhora do Livramento.

Os registros deste processo pedagógico constituíram-se nos dados de análise da pesquisa autoetnográfica. O percurso teórico e metodológico se deu com as entrevistas abertas com os ex-alunos(as) deste processo, observações e análise dos portfólios e registros da prática pedagógica e projetos desenvolvidos neste período na Escola Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Assim, a pesquisa que trazemos neste recorte tem como realidade empírica e central as experiências educativas proporcionadas pela professora Sueli de Fátima Xavier Ribeiro e relatadas por seus ex-alunos(as) [3] de Educação Física na Escola Municipal Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, em Cuiabá-MT, revisitadas em 2017 e 2018 durante o mestrado em educação na Universidade Federal de Mato Grosso.

Nesta pesquisa, trazemos algumas das narrativas especialmente porque delimitamos a análise para a compreensão das relações entre a prática pedagógica e a experiência da dança com as relações étnico-raciais. Destacamos, portanto, dados das entrevistas coletadas em março de 2018, de quatro ex-alunas e um ex-aluno: Cátia, com 29 anos e Verônica com 24 anos, foram alunas no período de 2000 a 2003, portanto, antes da obrigatoriedade da Lei 10.645/03; Hélio que foi aluno entre 2007 e 2010, com 19 anos; e as alunas do período de 2012 a 2015, Emily e Suzi, com 14 anos no momento da entrevista.

É relevante destacar que dos 24 alunos que participam da pesquisa, 23 participaram do Projeto “Beleza Tem Raízes”, do projeto Siriri e do EIDANCCE, e exceto a ex-aluna Larissa (período 2010-2013) não participou do Chorado. E a única que não participou do EIDANCCE e do Chorado foi Aline (período 2012 a 2014).

Assim, dos participantes da pesquisa, suas memórias trazem a dança e as vivências nos projetos desenvolvidos na escola e nas visitas realizadas em diferentes anos, mas todos com as dimensões da dança como espaço de aprendizagem significativa sobre as três principais manifestações da cultura local que marcam a identidade negra e ameríndia na sociedade mato-grossense: o Siriri, o Chorado, os Mascarados.

O Siriri é uma manifestação presente nas comunidades ribeirinhas de matriz indígena e comunidades quilombolas de matriz afro-brasileira; o Chorado, característico da identidade negra de Vila Bela da Santíssima Trindade, é uma dança que traz a história do processo de ocupação e abandono da população negra de Mato Grosso, e a Dança dos Mascarados, uma manifestação dos homens negros desde o período colonial, que são impedidos de entrar na igreja, e manifestam essa resistência até os dias atuais, já que em Poconé a festa de santo ainda reproduz o *apartheid* social racista.

Em cada um destes contextos a professora traz história local as questões que produziram a dança e seus elementos constitutivos como estratégias de resistência e luta por reconhecimento e valorização das pessoas em diferentes momentos históricos. Essas são as dimensões que destacamos neste artigo.

Dança e Educação das Identidades Étnico-Raciais: Memória do Corpo da Escola

A fim de trazer elementos para a compreensão do processo de formação no ensino da dança na escola nas aulas de Educação Física e como esta leva à compreensão mais complexa da formação proporcionada aos alunos, fazemos uma rápida análise de uma experiência que evidencia e respalda a metodologia expressa nos dados documentais e no referencial epistemológico assumido a partir da formação-ação e desta para a criação dos projetos a partir da prática pedagógica.

A metodologia se pautou na pesquisa, nas práticas corporais de danças de comunidades negras (quilombolas) e do bairro em que se localiza a escola. Dessa forma, havia um envolvimento da família, e dos artistas locais como capoeiras, cantores de Rasqueado cuiabano e lideranças negras da cidade. O processo de aprendizagem recorreu à pesquisa como procedimento de ensino, e com os alunos buscou tanto nos documentos quanto entrevistas para a sistematização da produção de conhecimento da cultura musical pautada no ritmo, letra e movimentos corporais. A pesquisa de campo com os ex-alunos(as) evidenciou a significava experiência com as comunidades visitadas no processo de ensino, nos passeios na cidade e no bairro, pois contribuíram na visão dos mesmos para identificarem os conflitos e possibilidades de alteridades e reconhecimento dessas para a criação de dança, a exemplo a “das lavadeiras” que representava as mulheres negras (da comunidade e mães de alunos) e suas lutas.

Esse processo de ensino e aprendizagem criou profundos laços de afetividade e de identidade que fortaleceu a formação humana pelas aulas que são lembrados na coleta de dados da pesquisa em diálogo com a literatura sobre a Educação Física Escolar.

A metodologia recorre à perspectiva crítica da Educação Física apropriada na formação-ação que propõe três momentos relevantes: a aproximação com a realidade do alunos – da comunidade e de suas experiências, a ampliação dos conhecimentos a partir da pesquisa como metodologia de ensino, e por fim, a sistematização dos novos conhecimentos produzidos coletivamente em aula. (GRANDO, 1997).

Nesse movimento da metodologia de ensino, tomamos as temáticas das danças locais: o Siriri e o Rasqueado. Num primeiro momento reconheceu-se a presença destes nos saberes e práticas das crianças, depois, passou-se ao processo de problematização e desenvolveu-se a pesquisa na literatura em articulação com a pesquisa na comunidade. O ensino da dança envolveu, portanto, pesquisa na literatura disponível feita pelos alunos, visitas às comunidades quilombolas, produção e interpretação das danças em articulação com o conhecimento do contexto sociocultural dos alunos e as práticas de dança do projeto extracurricular Beleza Tem Raízes, para finalmente culminar na produção artística e cultural do EIDEENCE que compreendeu a sociedade mais ampla. Dessa forma, se compõe um ciclo de ensino e aprendizagens que sistematiza o saber a partir da legitimação e autonomia dos alunos e alunas na produção do conhecimento, que emerge de suas próprias realidades.

No Rasqueado a turma do 4ª ano A ao buscar a literatura na biblioteca da escola, identificou os mestres do Rasqueado e suas respectivas obras, aprendendo seus cantos e sua dança, com suas melodias e histórias musicais. Reconhecendo as contribuições desses compositores na formação musical de Cuiabá, chegou-se ao Mestre Ignácio, fundador da primeira banda [4] em Mato Grosso, morador do bairro Baú, onde se concentrava antigamente a maior parte da população negra cuiabana.

Ao problematizar o Rasqueado na escola como expressão da identidade popular cuiabana, os alunos questionaram sobre a ausência dessas músicas nas rádios de Cuiabá e, com isso, concluem sobre a produção comercial da programação musical atual que desqualifica a mulher e vulgariza as práticas corporais, ignorando a musicalidade e o legado dos mestres da negritude do Rasqueado Cuiabano. Outro aspecto observado pelos alunos(as) foi a discriminação da música regional em favor da mídia de hits comerciais.

Como consequência, realizaram a visita a Rádio Cultura de Cuiabá onde participaram ao vivo da programação, expondo os trabalhos e, então, questionando os radialistas, para incentivar o poder público a dar o nome do Mestre Ignácio a uma praça do bairro Baú.

Assim, o trabalho das aulas de Educação Física acabou por fomentar a ampliação dos conhecimentos para além delas e para dar vazão ao interesse das crianças, foi criado o Projeto de Dança Beleza Tem Raízes, como atividade extracurricular, oportunizando o aprofundamento da dança com visitas aos espaços e tempos em que os corpos pudessem aprender onde e com quem produziam no cotidiano as expressões presentes na dança.

O Projeto Beleza Tem Raízes era aberto a alunos e professores e com ele criou-se os tours culturais conduzidos pela professora de Educação Física, como encontros interdisciplinares de significativas aprendizagens, como explicita Cátia:

Na escola eu me soltava, encantava, cantava, dançava e atuava porque eu estava vivendo no presente o que foi no passado, eu gostava muito. Era uma forma da gente fazer amizade com os alunos. [...] todos os alunos e os professores, não tinha sempre aquele mesmo aluno que ia dançar, o mesmo que ia atuar, o mesmo que jogava capoeira, era para todo mundo [...] (Cátia/29/Ent./mar/2018).

As aulas potencializaram as relações intersubjetivas que despertam a afetividade e os laços de identidades mais ampliadas de reconhecimento de si e do Outro, como constitutivos de um grupo de pertencimento que reconhece e respeita as diferenças sem excluí-las, mas, por conta delas, aprende a valorizar-se no e com o outro.

Na escola eu gostava da Educação Física como todo aluno. [...] dançar, atuar, representar e também aprender e era tudo junto era muito gostoso [...] A professora sempre estava lá para colocar a gente para apresentar uma dança, teatro, jogar capoeira, aprender a tocar um instrumento novo, aprender uma linguagem nova [...]. (Cátia/29/Ent./mar/2018).

Na visita ao Parque Mãe Bonifácia, um antigo quilombo que virou parque na cidade, chegaram à memória do protagonismo de uma mulher negra que virou figura lendária por proteger e acobertar negros na época da escravidão e que foi vítima dos capitães do mato que tentavam capturá-la e prendê-la. Com esta prática formativa as crianças, conhecem a cidade e suas histórias, identificam-se e reconhecem-se com pertencimento de uma luta social da qual vivenciaram suas avós, tias e mães. Mãe Bonifácia era alforriada, curandeira e controlava o acesso aos quilombos, sendo uma grande intelectual que organizava o movimento negro pela libertação, solidariedade e valorização da vida, como um direito de viver na cidade.

No projeto pedagógico do Siriri realizam a visita ao Quilombo de Mata Cavalo de Baixo, no município de Nossa Senhora do

Livramento, a 30 km de Cuiabá, onde se preserva o Siriri de raiz. Lá o Siriri expressa na dança o sucesso, os desafios, as descobertas e as estratégias empregadas para manter a tradição cultural da dança e das cerimônias religiosas da comunidade.

É assim o conhecimento que pode romper com o preconceito e a escola tem um papel fundamental ao trazer a história das pessoas: "O racismo o preconceito contra os negros que vieram no passado. Hoje, a violência contra eles. As pessoas violam sem saber, sem conhecer, sem saber do passado" (Hélio/19/Ent./mar/2018).

Esta prática educativa teve muitos registros documentais e foi também relato trazido das vivências e memória atual dos ex-alunos. Como afirma Emily, em Mata Cavalo aprendeu com o Siriri "nosso e deles", que o Outro e tem que ser respeitado sem hierarquizar pessoas e culturas:

A cultura deles é diferente, eles usam muito instrumento de antigamente, agora a gente não usa mais tanto [...] A dança foi diferente, o jeito do Siriri deles é um pouco diferente do nosso, mas é bonito do mesmo jeito, porque a gente tem uma cultura diferente. A deles é tipo cultura de antigamente. Agora a gente está criando um jeito diferente de dançar e eles continuam dançando como antigamente (Emily/14/Ent./mar/2018).

A estética dos movimentos das dançarinas do Siriri de Roda e do Siriri de Fileira está presente em todos os contextos, nos espaços mais simples como o contexto de Mata Cavalo, há beleza nos significados de cada um dos gestos e escolhas feitas para suas apresentações sincronizadas. Aprenderam que a criatividade coletiva favorece o processo de construção e é instrumento de socialização para a formação de cidadãos.

A Cátia, 29 anos, que hoje é professora, afirma que pela dança reconheceu o papel sociocultural da escola potencializa processos de humanização, assim como reconhece a sua complementariedade com a família, como nos projetos que interagem diretamente com as comunidades e pais dos alunos, pois nela os alunos se educam em relações mediadas pelo mundo, como diria a pedagogia freireana, numa perspectiva emancipadora para compreender o mundo e a si mesmo:

[...] Diante de tudo que eu aprendi na escola, hoje eu tenho certeza que eu quero ser professora e é por isso que eu estou fazendo pedagogia. [...] vejo que eu tenho muito a oferecer, se alguém achar, que pode fazer algo para mudar o futuro, começa pela escola [...] não precisa ser professor ou diretor você estando aqui, já faz a diferença.

[...] A escola tem obrigações, mas a educação de casa também conta muito. Apesar de eu ser de origem humilde, tive oportunidades na escola, com isso eu tive oportunidade no mundo. [...]. (Cátia/29/Ent./mar/2018).

Ao estudar o Siriri na escola como um conhecimento da realidade sociocultural e histórica do lugar onde se vive coletivamente, seja na cidade de Cuiabá, seja na comunidade quilombola de Mata Cavalo, a dança como cultura vai muito além da prática de técnicas, mas é apropriada com sentidos e significados que extrapolam suas dimensões de cultura e arte, ganhando as dimensões sociológica, antropológica, histórica e filosófica.

Assim, a temática da mulher negra atravessou a proposição do Siriri, após a visita ao Quilombo, chegaram à Casa da Cultura de Poconé, onde vivenciaram a Dança dos Mascarados, onde visitaram um terreiro religioso de matriz africana, marcadamente relevante no contexto da história de "Doninha do Tanque Novo".

Essa experiência marcou muitas crianças positivamente e de forma espontânea e sem qualquer preconceito ou discriminação de qualquer natureza no contexto da escola. Como bem explicita Cátia: "Na escola eu aprendi que eu não precisava ter vergonha, que apesar da Umbanda não ter aquela divulgação enorme, ela era uma religião como outra qualquer. Que se hoje ela não é visada houve um tempo em que ela era tudo" (Cátia/29/Ent./mar/2018).

Durante a visita ao Centro de Umbanda como local da identidade de Doninha do Tanque Novo, afloraram-se sentidos e significados das danças que levavam às crianças as histórias e culturas dos negros de forma dinâmica e enraizada com seus tempos e espaços individuais e coletivos. Neste contexto aprenderam com o outro, explorando o ambiente com respeito e curiosidade afetiva e intelectual, experiência que marcou significativamente ampliando sentidos e significados para a compreensão de suas próprias religiosidades.

O primeiro impacto sobre a dança é justamente por ser uma cultura africana. Que a senhora passava pra gente quebrar o preconceito, não sei se a senhora sabe, meu pai era muito preconceituoso, principalmente com negros. Ele sempre falava pra gente que era filho dele: olha, vocês não podem namorar com negro [...] Discriminava muito, tanto é que demorou muito pra ele digerir tudo isso e quebrar esse preconceito, ele foi quebrar o preconceito no final da vida dele (Verônica/24/Ent./mar/2018).

A experiência de Poconé ampliou profundamente a temática de estudos sobre a mulher negra que perpassou as aulas de dança da escola. Durante a pesquisa autoetnográfica, a própria professora também rememora que, como negra, se deu conta, que sua avó benzedeira, era não negra e que, por isso, não havia sofrido os mesmos preconceitos que a história de "Doninha" explicitou. Houve uma sintonia entre alunas e professora neste campo da religiosidade familiar.

Muita coisa me marcou, muita coisa eu levo até hoje na minha vida, no meu segmento religioso, eu sou umbandista. Quando eu era criança [...] Tinha o envolvimento com essa religião, mas também tinha uma família que era supercatólica, eu tinha os dois, católico e o umbandista (Cátia/29/Ent./mar/2018).

Também a professora se vê envolta a memória da infância e a experiência religiosa muito eclética: a avó materna benzedeira, recebia muitos visitantes para curar, seu marido evangélico, e a orientação familiar materna era de que as filhas seguissem o culto católico, embora a mãe simpatizasse com a religiosidade afro-brasileira.

O estudo de "Dona Doninha", traz a história de uma mulher indígena mestiça negra, casada com um homem negro, que foi tirada do convívio familiar e colocada num local distante da cidade, o "Tanque Novo", a fim de não envergonhar a família. Sua espiritualidade e seu marido negro não eram bem vindos e embora tenha sofrido muitas violências pela

sociedade, contribuiu fundamentalmente para a luta pela terra e pelas pessoas do lugar. Essa experiência serviu de reflexão para a leitura da sociedade e das realidades vivenciadas pelas crianças com suas famílias, independente dessas serem levantadas na escola.

Desde criança, eu me tornei uma pessoa que não tenho preconceito com nada. [...] não tem essa, é negro, é homossexual, é transexual, independentemente de raça, cor, religião, crença, eu sempre abraço, estou sempre junto. Isso fez eu mudar a cabeça do meu pai, eu debatia muito com ele, até chegar ao final da vida dele. Fiz ele se entender e aceitar ajuda [...] não existe cor, raça, crença, que faça que um seja diferente do outro. Somos todos iguais (Verônica/24/Ent./mar/2018).

A dança acessou o desenvolvimento do corpo-pessoa despertando os sentidos pelas lutas sociais e a participação efetiva no cotidiano contra o racismo enraizado na sociedade brasileira. O conhecimento da realidade sócia histórica vivenciada pelas personagens estudadas contribuiu para acessarem os conceitos sobre as relações étnico-raciais de forma mais sensível pela dança nas aulas de Educação Física e nos Projetos: Beleza Tem Raízes e EIDANCCE:

A forma de eu querer conhecer e saber mais, se hoje eu procuro conhecer mais sobre culturas, movimentos sociais, é por causa desses projetos. Estão muito presentes, pelo fato de lidar com algumas situações tanto de racismo, ou talvez desapropriações culturais de algumas pessoas (Suzi/14/Ent./mar/2018).

Pode-se afirmar que os trabalhos potencializaram e humanizaram alunos proporcionando leituras críticas da realidade vivida e os projetos de dança fomentaram valores sociais relevantes capazes de contribuir significativamente para a formação da pessoa para a superação do racismo:

Hoje sou uma pessoa melhor perante a sociedade. É como se a senhora estivesse ajudando a minha mãe a me criar para sociedade porque realmente se não tivesse um ensinamento dentro da escola eu poderia me tornado uma pessoa igual meu pai [...]. (Verônica/24/Ent./mar/2018).

Por esses relatos entendemos a importância do papel de a escola oferecer uma educação que possibilite o respeito e o reconhecimento do Outro na construção de uma sociedade menos preconceituosa e racista.

Considerações finais

A análise da prática pedagógica validou-nos os procedimentos, as experimentações e as conclusões epistemológicas, na sequência nos possibilitou dar visibilidade a uma nova forma de trabalho e de compreensão de processos potencializadores da promoção de uma Educação Intercultural para as relações étnico-raciais, tendo por referência o ensino da Educação Física e do conteúdo dança na escola.

A pesquisa evidencia a relevância da formação contínua de forma a produzir novas sensibilidades para a leitura crítica da sociedade a dos conteúdos assumidos pelas especificidades do currículo escolar, ao dar visibilidade aos conflitos étnico-raciais presentes na prática pedagógica que passa a ser problematizada e respondida com novas formações e elaborar projetos pedagógicos interdisciplinares.

Nas narrativas dos ex-alunos(as) identificamos que tanto as aulas de Educação Física quanto os Projetos de Dança - Beleza tem Raízes e EIDANCCE, possibilitaram aprendizagens significativas sobre o valor da diversidade e do respeito às histórias e culturas outras como igualmente relevantes para a sociedade e que, pela educação do corpo na escola, transforma-se sentidos e ressignifica-se a cultura afro-brasileira a partir da valorização das pessoas do lugar.

Os corpos que dançaram reconheceram-se em suas identidades para além das tonalidades de pele ou estéticas corporais, reconhecendo-se como iguais e diferentes, fortaleceram suas raízes históricas e ancestrais ameríndias e africanas para com elas fortalecerem-se como brasileiras como jovens e adultos, suas novas identidades.

Suas vozes visibilizaram a escola como espaço social relevante para a produção de conhecimentos humanizadores, corroborando com a decolonialidade do pensamento e de práticas sociais cotidianas, como lócus relevante para a promoção de educação intercultural por colocar de forma crítica as diferentes culturas e identidades em relação para aprenderem uns com e sobre o Outro.

Compreendeu-se a dança como potencial para vivenciar outras formas de pensar e ser das culturas, promovendo o reconhecimento e a valorização de outras formas de viver coletivamente em diferentes contextos com o mesmo respeito. Uma prática social que na escola potencializou e humanizou as pessoas, proporcionando leituras críticas sobre as posturas próprias que expressavam nossos preconceitos e racismo.

Assim, a Educação Física na escola estabeleceu conexões de aprendizagens com a temática de relações raciais e de gênero, estabeleceu vínculos com o corpo que se é independente de seu papel social ser ou não valorizado no tempo e espaço vivido, mas para além deste tempo e lugar, o corpo como tempo da identidade humana, lugar de respeito e de reconhecimento da nossa humanidade, independente do grupo social e de pertencimento seja ele econômico, religioso, geracional, de gênero ou sexualidade, familiar, escolar ou político, enfim, sociocultural.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 14 abr. 2017.

_____. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14 abr. 2017.

CÁTIA, 29 anos. Aluna de Educação Física e dos Projetos: Beleza Tem Raízes/Siriri/Chorado/ Mascarado Eidancce. 2000/2003. **Entrevista** em Março de 2018.

CASTRO JUNIOR, L. V. (org.). **Festa e corpo**: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EdUFBA, 2014.

COKER, Â. Desenvolvimento intelectual e de liderança das mulheres negras no ensino superior: um inquérito

autoetnográfico. In: 6th **Wle/mle Womem Leading Education Conference Mulleres Lideres em Educação**. Rio de Janeiro: UERJ/FEBF, 2017, p. 85-86.

EMILY, 14 anos. Aluna de Educação Física e dos Projetos: Beleza Tem Raízes/Siriri/Chorado/ Mascarado Eidancce. 2012/2015. **Entrevista** em Março de 2018.

GRANDO, B. S. Corpo e Educação: as relações interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri – MT, 2004. **Tese Doutorado em Educação** - PPGE/UFSC, Florianópolis, mar. 2004.

GRANDO, B. S. **O Ensino da Educação Física**: uma proposta curricular para a escola pública de Cuiabá. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, 1997.

GRANDO, B. S. PINHO. V. A. **As questões étnico-raciais e a Educação Física**: bases conceituais e epistemológicas para o reconhecimento das práticas corporais afro-brasileiras e indígenas. In Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. / Corsino, Luciano Nascimento, Conceição Willian Lazaretti da (organizadores) – Curitiba: CRV. 2016. V.11.

HÉLIO, 19 anos. Aluno de Educação Física e dos Projetos: Beleza Tem Raízes/Siriri/Chorado/ Mascarado Eidancce. 2007/2010. **Entrevista** em Março de 2018.

LARA, L. M. **As danças no Candomblé**: corpo, rito e educação. Maringá: Eduem, 2008.

PINHO, M. P. **Remedeia co que tem**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

RIBEIRO, Sueli de Fátima Xavier. Memórias com dança na escola: corpos, identidades e educação intercultural na escola. **Dissertação de Mestrado**/PPGE-UFMT. 2019.

SUZI, 14 anos. Aluna de Educação Física e dos Projetos: Beleza Tem Raízes/Siriri/Chorado/Eidancce. 2012/2015. **Entrevista** em Março de 2018.

VERONICA, 24 anos. Aluna de Educação Física e dos Projetos: Beleza Tem Raízes/Siriri/Chorado/ Mascarado Eidancce. 2000/2003. **Entrevista** em Março de 2018.

[3] A pesquisa de mestrado para além do recorte deste artigo analisa o processo de formação da docente, a análise dos documentos em diálogo com as narrativas dos participantes da pesquisa pelas entrevistas abertas, do qual participam 24 jovens com idades que variam de 12 a 29 anos atualmente, sendo 15 mulheres e 9 homens. São foco do estudo a prática pedagógica, a formação contínua, a promoção da educação intercultural e a proposição do trabalho da dança na escola e da educação do corpo para o estudo das relações étnico-raciais. (RIBEIRO, 2019)

[4] A banda de Mestre Ignácio, Banda Lira Operária de Santa Cecília “[...] era uma banda privada, criada pela gente do povo (dos negros) e o Rasqueado começa a ser a música mais executada pela banda” (PINHO, 2010, p. 77).